



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA-PARFOR**

TEREZINHA MARTINS DE OLIVEIRA

**A ABORDAGEM GEOGRÁFICA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA ESTUDOS
AMAZÔNICOS**

Marabá – Pará
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA-PARFOR**

TEREZINHA MARTINS DE OLIVEIRA

**A ABORDAGEM GEOGRÁFICA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA ESTUDOS
AMAZÔNICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de
Geografia, como requisito para
obtenção do Grau em Licenciatura
em Geografia.

Marabá – Pará
2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ
FACULDADE DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA-PARFOR**

TEREZINHA MARTINS DE OLIVEIRA

**A ABORDAGEM GEOGRÁFICA NO ÂMBITO DA DISCIPLINA ESTUDOS
AMAZÔNICOS**

Banca Examinadora:

Prof. Ms. Rogério Souza (orientador)

Prof^a Ms. Gleice Kelly Gonçalves da Costa

Prof. Ms. Marcelo Gandêncio Brito Pureza

Data: ____ / ____ / ____

Nota: _____

Marabá – Pará
2015

DEDICATÓRIA

A meus professores e meus pais pelo grandioso incentivo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre está ao meu lado e que permitiu mais uma conquista;

A minha família, em especial meus pais, por sempre acreditar em mim;

Aos meus colegas de turma, especial ao Gerciel Batista, pela amizade verdadeira, o exemplo, as conversas, as experiências e o incentivo;

Aos meus professores, que ensinaram, cada um a seu modo, a importância da formação superior do professor de geografia.

Ao meu orientador Rogério de Souza Marinho, pela paciente e rica orientação. Pela contribuição indispensável no desenvolvimento no meu aprendizado.

A minha co-orientadora, Gleice Kelly da Costa, pela delicadeza de ter aceitado a orientar minha pesquisa, mesmo não sendo sua responsabilidade. Sua contribuição foi fundamental para concretização deste trabalho, sua atenção, seu jeito simples e singelo de ensinar foram essenciais e motivantes para eu chegar até aqui.

EPIGRAFE

Uma aula de Geografia que explora o tema proposto através de linguagens diferentes, que usa os saberes existentes na estrutura cognitiva do aluno para mostrar novos saberes que ajuda a associar o apreendido às suas emoções e que clarifica o que se expõe com uma nítida organização, é sempre uma aula com conteúdo mais fáceis de serem lembrados (Simone Selbach)

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada na escola de Campo Municipal de Ensino Fundamental Ayrton Senna, localizada na zona rural de Marabá-Pa. Tivemos como propósito investigar em textos de alunos de 8º e 9º ano os conhecimentos geográficos do espaço amazônico adquiridos na disciplina de Estudos Amazônicos. A partir da análise de textos, procuramos compreender como a disciplina Estudos Amazônicos tem contribuído com o desenvolvimento de saberes sobre a Amazônia Brasileira. O objetivo geral deste trabalho foi analisar como os saberes geográficos podem contribuir para a compreensão da realidade amazônica a partir da disciplina “Estudos Amazônicos”. Nossa proposta de estudo, procura discutir o espaço geográfico amazônico, em especial da Região norte numa perspectiva plurissignificativa em que os alunos participem de forma crítica diante da realidade em vivem, desenvolvendo assim, uma relação de diálogo e participação entre conteúdo, professor e aluno. Usamos como instrumento de coleta de dados observação das aulas e aplicação de uma pergunta chave para produção textual sugerida aos alunos. Dados revelaram que os alunos para se referir ao espaço Amazônico fazem uso dos seus conhecimentos geográficos tais como noções sobre espaço e região, economia territorial, dinâmica de vida, cultura, dentre outros. Assim compreendemos que o ensino de Estudos Amazônicos apresenta diálogos importantes com a Geografia, tornando-se fundamental que o docente dessas disciplinas estabeleçam uma relação de troca de interação de saberes. Esta pesquisa organiza-se primeiro com uma discussão teórica abarcando conceitos importantes sobre espaço e região, assim como uma reflexão sobre a região amazônica. Em segundo, apresentamos os pressupostos metodológicos da pesquisa e a análise dos dados.

PALAVRAS – CHAVE: Amazônia. Espaço. Região

ABSTRACT

This work is the result of a survey conducted in the school of Municipal Field Elementary School Airtton, located in the countryside of Marabá-Pa. We had the purpose to investigate in 8 students texts and 9th grade the geographical knowledge of Amazonian space acquired in the course of Amazonian Studies. From the analysis of texts, we try to understand how the Amazonian Studies discipline has contributed to the development of knowledge about the Brazilian Amazon. The aim of this study was to analyze how the geographical knowledge can contribute to the understanding of the Amazon region in the classes of Amazonian Studies. Our proposed study, discusses the Amazon geographic space, especially in the northern region in different prospective students to participate critically on the reality they live, thus developing a relationship of dialogue and participation between content, teacher and student. We use as a data collection instrument observation of classes and application of a key question for textual production suggested to students. Data revealed that students to refer to the Amazon space make use of their geographical knowledge such as notions of space and region, territorial economy, dynamics of life, culture, among others. So understand that the teaching of Amazonian Studies presents important dialogues with geography, making it essential that the teaching of these subjects establish a relationship of knowledge of exchange interaction. This research is organized first with a theoretical discussion covering important concepts about space and region, as well as a reflection on the Amazon region. Second, we present the methodological assumptions of research and data analysis.

KEY - WORDS: Amazon. Space. region

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1 ESPAÇO E REGIÃO: DISCUTINDO CONCEITOS	12
2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO AMAZÔNICO	17
2.1 O Período da borracha e a mineração	21
3 PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	25
3.1 Contextualização da pesquisa	25
3.2 Espaço da pesquisa	26
3.3 Considerações sobre o ensino do Campo	28
3.4 Sujeitos da pesquisa	31
3.5 Resultado e análise dos dados	32
3.5.1 O ensino de estudos amazônicos: uma breve contextualização	33
3.5.2 Análise dos textos de alunos do 8º e 9º ano: compreensões sobre o espaço geográfico amazônico	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa realizada em uma escola de Campo, localizada na Zona Rural do Município de Marabá em que se investigou com alunos de 8º e 9º ano os conhecimentos geográficos adquiridos na disciplina Estudos Amazônicos. A partir da análise de textos, procuramos compreender como a disciplina Estudos Amazônicos tem contribuído com o desenvolvimento de saberes sobre a Amazônia Brasileira. Desse modo, este estudo tem como objetivo geral, analisar os saberes geográficos a partir da compreensão do espaço amazônico nas aulas da disciplina Amazônicos.

Pretende-se a partir disso, discutir o espaço geográfico da Região Norte, numa perspectiva plurissignificativa em que os alunos participem de forma crítica diante da realidade em vivem, desenvolvendo assim, uma relação de diálogo e participação entre professor e aluno.

Este trabalho justifica-se pela necessidade de promover discussões pertinentes sobre temas voltados para aspectos geográficos da Amazônia, tendo como referência elementos que dialogam entre si na disciplina Estudos Amazônico. Com isso, procura-se por meio da interdisciplinaridade e temas transversais mostrar cominhos em que ressignifiquem o ensino de conteúdos geográficos no espaço escolar.

Procuramos questionar nesta pesquisa como uma disciplina escolar de caráter transversal e interdisciplinar como Estudos Amazônicos, pode permitir a construção de um saber crítico da realidade Amazônica por parte do aluno, que associe aspectos do seu cotidiano e do contexto regional amazônico de maneira não fragmentada? Que referências utilizar nesta disciplina que auxilie na construção de uma visão crítica e integradora da realidade amazônica por parte dos alunos? E quais referências a serem utilizadas pelo professor da disciplina Estudos Amazônicos que sejam relevantes para construção de uma proposta pedagógica crítica?

Estas questões, objeto de tratamento deste trabalho de conclusão de curso, conduz também uma outra questão de menor complexidade, que será investigada por esta pesquisa, que é: Como a abordagem geográfica pode contribuir para a

disciplina Estudos Amazônicos na construção de um saber crítico e integrador do aluno com relação a realidade amazônica? De forma, mais específica, queremos saber como o conceito de espaço geográfico pode possibilitar a disciplina Estudos Amazônicos uma leitura crítica e integradora da realidade amazônica.

O ensino aprendizagem da disciplina Estudos Amazônico quando discute a abordagem geográfica do espaço, deve partir de uma perspectiva transversal e interdisciplinar. Desse modo, acredita-se que o trabalho desenvolvido na sala de aula, tomando como ponto de partida essa hipótese, possibilita a compreensão do conceito de espaço de forma ampla e desfragmentado.

Para dar conta disso, dividimos esta pesquisa em quatro seções, seguidas de considerações iniciais, considerações finais e referências. A seção introdutória apresenta uma sinopse geral do que se trata a pesquisa, abordando aspectos chaves como tema, objetivos e justificativa. Na seção primeira intitulada “Espaço e região: discutindo conceitos” define algumas abordagens sobre o conceito de espaço, dando ênfase nos significados que envolve o termo região.

Na segunda, com o título “O espaço geográfico amazônico”, faz um levantamento bibliográfico em que se discute a complexidade do espaço amazônico, dissertando desde a aspectos históricos como questões atuais desta região. Este capítulo traz o subtópico “Período da borracha e a mineração” com uma descrição histórica do período da borracha e o processo histórico da extração de minério e como esse processo interfere no espaço geográfico da região.

Na terceira seção, mostra a definição da pesquisa, contextualização, sujeitos e procedimentos. Nesta seção, apresenta os resultados e análise dos textos coletados dos alunos. Na quarta, segue as considerações finais, consistindo em uma reflexão sobre a discussão promovida do decorrer do trabalho, apontando a apreensão que se obteve com a realização desta pesquisa.

1 ESPAÇO E REGIÃO: DISCUTINDO CONCEITOS

O conceito de espaço no campo da geografia vem sofrendo várias mudanças. A partir de algumas tendências, esse termo vem ganhando forma. Correa (2008) apresenta o conceito de espaço sob várias perspectivas. O autor mostra a noção de espaço segundo a geografia tradicional. Essa concepção disseminada na década de 50 privilegiava os conceitos de paisagens e região.

A abordagem espacial, associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos, eram muito secundário entre os geógrafos como, entre outros. O espaço, em realidade, não se constitui em um conceito-chave na geografia tradicional (CORREA, 2008, p. 17).

Nessa concepção, compreende-se a partir do pensamento de Ratzel a ideia de espaço vital indispensável para sobrevivência humana. Esta concepção limita o estudo da geografia em aspectos ligados a lugares, regiões e suas relações. Diferentemente acontece na concepção de espaço discutido na geografia teórico-quantitativa em que o conceito de paisagem é deixado de lado. Nesta concepção a ideia de lugar e território não são conceitos importantes.

Outra concepção discutida em Corrêa, correspondente ao estudo que se propõe neste trabalho, trata-se da noção de espaço segundo a geografia crítica. Essa concepção reafirma um espaço social, vívido, desvinculado a ideia de espaço absoluto. De acordo com Corrêa (2008, p. 26), a ideia de espaço como prática social coloca em evidência a sociedade e suas relações, transitoriedades, pois para o autor, não é possível falar-se sobre espaço desvinculado da sociedade.

Nesta concepção, o espaço passa a ser estudado como *lócus* da reprodução das relações sociais de produção, ou seja, reprodução da sociedade. Santos (1977 apud CORREA, (2008, p. 26) afirma que não é possível imaginar uma formação socioeconômica sem recorrer ao espaço, uma vez que, o modo de produção, a formação socioeconômica e espaço são categorias interdependentes.

Nessa nova linha de pensamento, concebe-se o espaço de forma mais coerente, haja visto, que não se pode falar de espaço desassociado de sociedade, pois um complementa o outro e vice e versa. Sendo assim, pode-se afirmar que uma sociedade só se concretiza por meio do seu espaço o qual ela produz. Para Corrêa (2008) sob essa ótica, a formação sócio espacial tende a ser concebido

como um “meta-conceito”, contendo conceitos elementares de natureza operativa, de paisagem, região, espaço, lugar e território.

Na concepção crítica, constata-se que o espaço é visto de forma ampla, sendo considerado tanto seu aspecto absoluto, que seria o espaço em si, com o espaço relativo e relacional, ou seja, o espaço é concebido como um espaço social e constitui-se com a compreensão dessas três esferas, não de forma isoladas, mas correlacionadas. Corrêa (2008) enfatiza a importância de pensar no conceito de formação econômica-social, haja visto que esta abarca as classes dominantes e o modo de produção.

O espaço entendido como espaço social, vívido, em estreita correlação com a prática social não deve ser visto como espaço absoluto [...] nem como um produto da sociedade[...] O espaço não é nem o ponto de partida (espaço absoluto), nem de chegada (espaço como produto social). [...] O espaço é o *lócus*, das relações sociais de produção. CORRÊA, 2008, p. 25).

Nesse sentido, entende-se que o espaço é produto das relações do homem entre si e com a natureza e como elementos que interferem o comportamento do homem da sociedade. Assim, para se pensar em espaço vários fatores devem ser levados em consideração desde aspectos subjetivos quanto cultural. Concorda com essa discussão, o pensamento de Monteiro et al. (1997), quando diz que

[...] O espaço geográfico não é um produto acabado. Ele muda ou se transforma junto com a história da humanidade, pois, à medida que ocorrem mudanças na sociedade, há mudanças no espaço geográfico. Afinal, este reflete a sociedade que o constrói. Portanto, podemos dizer que o espaço está em constante reconstrução ou reorganização, pois, a cada momento que passa, a sociedade modifica seu modo de pensar, produzir e consumir, impondo mudanças no espaço geográfico, com objetivo de garantir sua própria existência (MONTEIRO ET AL, 1997, p. 20).

Desse modo, pode-se dizer que o espaço surge a partir das relações que se desenvolvem nele, sejam elas de cunho econômico, social, político ou cultural. O homem exerce um papel fundamental na constituição do espaço, pois suas ações, concepções, relações de poder são fatores determinante na formação do espaço em que se vive, até porque não se trabalha com a ideia de espaço vazio, mas habitado e em movimento.

É por meio desse pensamento que se procura compreender o espaço amazônico, como um espaço heterogêneo e constituído socialmente pela dinâmica de um povo diverso. Acredita-se que o espaço amazônico é uma formação discursiva, em que as transformações deste lugar interferem diretamente na vivência das pessoas.

Com isso, pensar um estudo em que coloca elementos históricos e sociais desta região é essencial para entender como as experiências daqueles que vivem a região tornam-se fatores construtores desse espaço, pensando assim, o trabalho desenvolvido nas aulas de Estudos Amazônicos, devem priorizar discussões em que coloquem em debate a Amazônia como um espaço vivo, complexo, heterogêneo, conflituoso, cultural, discursivo, marcado pela diferença cultural.

Como este estudo discute sobre a região amazônica, torna-se necessário a definição do conceito de região para que se possa compreender melhor as discussões que serão debatidas ao longo desta pesquisa. De forma sucinta, pode-se afirmar que o termo região trata-se uma unidade marcada territorialmente em um dado espaço. Para Corrêa (2005),

O termo região deriva do latim *regio*, que se refere à unidade político-territorial em que se dividia o Império Romano [...] o termo, contudo, passou a designar uma dada porção da superfície terrestre que, por um critério ou outro, era reconhecida como diferente de uma outra porção. O termo região faz parte da linguagem do homem comum. No entanto é um conceito-chave para os geógrafos e tem sido empregado também por todos os cientistas sociais quando incorporam em suas pesquisas a dimensão espacial (CORRÊA, 2005, p. 183).

Esse conceito é bastante discutido e ganha outras dimensões nos debates entre os geógrafos, essas discussões em torno desse conceito é fundamental para que se constitua uma identidade a geografia, distinguindo-se de outras áreas de saberes (Corrêa (2005). Por isso é necessário compreender que a concepção de região apresenta-se tanto numa perspectiva tradicional quanto plural.

Corrêa (2005), argumenta que do século XIX até 1970 foram estabelecidos três conceitos para o termo região. O primeiro, centra-se na natureza, ou seja, resulta-se na região natural, compreendida como uma porção de superfície terrestre identificada pelos seus elementos naturais, tais como clima, vegetação, relevo, dentre outros. A segunda, contrariamente da primeira, apresenta posição

separatistas entre ciências naturais e sociais, enfatizando um “caráter ideográfico aos eventos e às regiões, ao tempo e ao espaço” (CORRÊA, 2005).

A região nessa perspectiva é compreendida como uma área de ocorrência de uma mesma paisagem cultural. Para Corrêa, a região passa a ser entendida como “um longo processo de transformação da paisagem natural em paisagem cultural (2005, p. 185)”.

O arranjo dos campos, o sistema agrícola e o habitat rural, mas também o dialeto e os costumes estão, entre outros, constituindo um conjunto integrado e traços culturais que definem um GÊNIO DE VIDA. A região é vivenciada pelos seus habitantes que reconhecem sua existência concreta a ponto de nomeá-la: Pays de la bie, Sertão, Amazônia, Campanha gaúcha etc. Por outro lado os habitantes tinham a sua identidade referenciada a região que habitavam (CORRÊA, 2005, p. 185-186)

Contudo, por volta da década de 1950, surge uma nova concepção sobre região, porém não torna-se descartada as outras já mencionadas. A acepção nessa nova abordagem explica que é possível identificar regiões climáticas, regiões industriais, regiões nodais e várias outras regiões quanto forem necessárias ao pesquisador. Sendo assim, a região natural e região paisagem são consideradas mais uma das regiões a serem compreendidas. Conforme Corrêa (2005, p. 186)

[...] a região é uma classe de área, isto é, um conjunto de unidades de área, como os municípios, que apresenta grande uniformidade interna e grande diferença face a outros conjuntos. Os princípios da taxonomia são adotados e os procedimentos operacionais são os da estatística descritiva, entre eles as medidas de variabilidade, a análise fatorial e a análise de agrupação (CORRÊA 2005, p. 186)

Entretanto, a partir da década de 1970, o conceito de região surge relacionado a ideia da geografia crítica respaldada no materialismo histórico e dialético. Segundo Corrêa (2005), o termo região foi discutido sob três acepções.

O primeiro refere-se a região como uma resposta aos processos capitalistas. Sendo a região entendida como a organização espacial dos processos sociais associados ao modo de produção capitalista[...] No segundo conceito, a região é considerada como foco de identificação, sendo “definida como um conjunto específico de relações culturais entre um grupo e lugares particulares”, uma “apropriação simbólica de uma porção do espaço por um determinado grupo”, e assim, “um elemento

constituente de uma identidade”[...] A região como meio para interações sociais constitui-se no terceiro modo de sua conceitualização pós 1970. Trata-se de uma visão política da região com base na ideia de que dominação e poder constituem fatores fundamentais na diferenciação de áreas (CORRÉA, 2005, p. 187-188)

Essa discussão sobre o conceito de região, tomando como base conceitos sob perspectiva diferentes é fundamental para se compreender a complexa área da região amazônica. Torna-se necessário que aqueles que estudem esta região desvincule-se de ideias estereotipadas, ideais fixos, homogêneos. A Amazônia é um espaço de mescla e encontros de saberes, de culturas, de crenças. A seção seguinte procura mostrar a formação do espaço amazônico a partir da concepção de alguns teóricos como Bertha Becker (2008); Gonçalves (2008); Monteiro et al. (1997), Ana Pizarro (2012), dentre outros.

2 O ESPAÇO GEOGRÁFICO AMAZÔNICO

A Amazônia brasileira é um espaço dinâmico e heterogêneo, rico não somente pelas suas riquezas naturais, mas, também pela riqueza humana. Nesta região há um encontro de pessoas oriundas do mundo todo, formando uma mescla cultural que constitui a identidade desta região.

Contudo, quando se pensa na Amazônia, muitas vezes, são estabelecidos olhares estereotipados deste espaço, divulgando a ideia de fechado e selvagem. O mundo, na sua grande maioria, vê a Amazônia como um espaço explorável. É por esta visão que muitos conflitos já ocorreram e ainda ocorrem, esfacelando vidas, ocultando saberes, culturas e identidades desta “imensidão verde.”

Segundo Trindade Junior (2006), a compreensão do que seja a Amazônia tem sido divulgada sob duas perspectivas,

Uma delas trata a Amazônia a partir de uma pretensa unicidade. Fala-se da região como um espaço homogêneo. Na verdade trata-se de uma ideia pronta e acabada do que seja a Amazônia, inventada a partir de pressupostos a-históricos, sem a presença do homem e de sua história e com critérios de delimitação rígidas. Em um outro polo, contrapondo-se a essa concepção “formada” de região, fala-se de Amazônia como um conceito arbitrário, uma representação imposta, em geral por quem a olha de fora. Denomina-se como único o que é diverso, impõe-se identidade única a uma pluralidade de culturas, de naturezas e de sociedades (TRINDADE JUNIOR, 2006, p. 355-356)

Essas duas concepções não dão conta do que realmente representa a região amazônica. Para o autor, são ideias sobre a região que desconsideram a natureza humana e social do espaço geográfico e nega uma realidade objetiva, que serve para a compreensão de particularidades importantes o espaço amazônico pode representar. Por isso, é importante entender a Amazônia como um espaço diverso, rico e heterogêneo.

A pesquisadora Ana Pizarro (2012), propõe pensar a Amazônia como uma construção discursiva, sendo que os discursos sobre a região são construídos e elaborados em diferentes momentos históricos, os quais além de informar, permitem identificar o discurso externo sobre a região. Dentre esses discursos históricos, encontramos os relatos da cultura oral indígena, narrativas de viajantes

européus, produções literárias e tantos outros. Para a autora, toda essa região é marcada pela diversidade de formas culturais e espaciais. O espaço amazônico é um encontro de elementos culturais, geográficos e históricos semelhantes, alguns até comuns, mas um dos desafios colocados hoje é pensar essa região em termos de unidade, uma unidade constituída a partir do diverso e do diferente, sobretudo do ponto de vista cultural e espacial.

É importante perceber que a Amazônia antes do processo de colonização, era habitada pelos indígenas, sociedades que tinham seus hábitos e organização de viver o espaço Amazônico. Gonçalves (2008) comenta que com a chegada do colonizador, esse espaço passa por um processo de reorganização que não considerou a dinâmica já existente dos povos indígenas. Isso ocorreu de forma conflituosa, até mesmo abusiva. Se para o nativo, a natureza era usada apenas para sua subsistência, para o colonizador, viver no espaço amazônico era uma forma de explorar para ter grandes lucros.

Monteiro et al (2008, p. 29) afirma que colonizador ao invadir o espaço organizado pelo indígena atendia apenas seus próprios interesses, a partir de imposições exploravam a região amazônica visando apenas riquezas. Os ditos “desbravadores” transformavam as riquezas naturais em mercadorias e exportavam para seus países de origem. Além disso, foram eles os responsáveis pela concepção errônea sobre o espaço amazônico disseminado pelo mundo.

Para muitas pessoas a Amazônia limita-se a uma “Selva verde”. Segundo Gonçalves (2008, p. 21):

A imagem mais comum do que seja a Amazônia é a de que se trata de uma imensa extensão de terras, onde o principal elemento de identificação é uma natureza pujante, praticamente indomável, que a história nos legou intocada. A região nos lembraria aquele casal de camponeses, descrito pelo dramaturgo alemão Goethe, descoberto escondido em meio a uma paisagem marcada por um intenso processo de modernização que, depois de terraplenar terrenos, retilinearizar cursos de rios, secar pântanos, derrubar as matas, enfim, geometrizar as paisagens em nome d progresso dominado a natureza.

Sabe-se que a visão imposta aí é a visão do colonizador divulgada para engrandecer seus feitos, para ele pouco importava falar de uma Amazônia de gente, de cultura de diferença. O dominador queria mostrar seu poder sobre o dominado, criando obviamente, uma região imaginária, ficando a margem do

processo de desenvolvimento, caracterizada apenas como espaço de natureza, população selvagem, tradicionais e atrasadas.

Ana Pizarro (2012), esse imaginário foi se formando de forma bastante paradoxal- ora a Amazônia fora associada ao paraíso, ora a um lugar assombroso, associado a doenças, perigosos incalculáveis e atraso social e político. Para essa região imaginada, voltaram-se um olhar exótico para a região, observando a floresta, o rio, os animais, os peixes, as pessoas e as culturas sem o devido respeito.

Com isso, como afirma Gonçalves (2008), a visão dominante que se tem da região amazônica é mais uma visão *sobre* a região do que *da* região. Sendo considerada por muitas pessoas como uma região periférica, marginal no contexto nacional.

A Amazônia será sempre vista nos novos Estados independentes com um peso periférico marginal nos blocos de poder nacional, e, portanto, sem voz própria. É uma região periférica de países periféricos. Em outras palavras, é uma região subordinada na hierarquia de poder no interior dos seus próprios países. Ela é sempre vista a partir dos interesses nacionais e estes são definidos nos centros hegemônicos do poder nacional. (GONÇALVES, 2008, p. 25).

Infelizmente esse pressuposto ainda permeia o imaginário de muitas pessoas, inclusive, sendo reproduzido em sala de aula de alguns professores. Contudo, é importante que o debate sobre a Amazônia seja ampliado para discussões que revelem de fato essa região, sem um olhar estereotipado, mas revelador de um espaço plural e dinâmico. Talvez o primeiro passo, seria conhecer as dimensões territoriais em que se divide a Amazônia, sobretudo, a Amazônia brasileira.

A Amazônia brasileira está dividida em Amazônia ocidental e oriental. A primeira é formada pelos estados do Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia e a segunda, pelos estados do Pará, Amapá, Maranhão, Tocantins e Mato Grosso. Sessenta e três por cento da Amazônia sul-americana fica no Brasil, sendo que a Amazônia Brasileira corresponde a mais da metade do território nacional e é formada pelos estados do Pará, Amazonas, Amapá, Roraima, Acre, Rondônia e Tocantins, este último desmembrado do estado de Goiás (BECKER, 2008; MOREIRA et al, 2008).

Por decisão governamental e para fins de investimentos e valorização econômica, foi criada a Amazônia Legal (terminologia dada a sua parte territorial legalizada como território nacional brasileiro, compreende a 60% deste território), formada pelos sete estados da região amazônica e também o norte do Mato Grosso e o noroeste do Maranhão.

Conforme Moreira et al (2008), além da Amazônia Brasileira e da Amazônia Legal, temos uma outra denominação a Pan-amazônia, ou Amazônia internacional, constituída pelo Brasil com as nove unidades da Amazônia Legal, mais Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e a Guiana Francesa, possessão pertencente à República Francesa.

Desses países, o único que não possui fronteira com o Brasil é o Equador. A Pan- Amazônia, além de possuir a maior área de reservas naturais do planeta e possuir um dos territórios mais vastos do continente, com riquezas em parte ainda desconhecidas, é detentora da maior bacia hidrográfica do mundo, formada pelo rio Amazonas e seus afluentes.

Esse imenso território caracterizado por uma enorme diversidade linguística e cultural tem gerado historicamente formas diferentes de relacionamento do homem com a vida e conseqüentemente, produzido diferentes imaginários sociais. Apesar da grande variedade linguística e cultural da Pan-amazônia, evidencia-se nesse espaço a construção de um imaginário com articulações comuns.

A partir da leitura em Becker (2008), observa-se que essa região, na segunda metade do século XX, tem recebido grandes levas de migrantes, populações que se movimentam em busca de melhores condições de vida. Esses processos migratórios têm provocado sensíveis alterações tanto no aspecto físico da região, com o crescimento das cidades, abertura de estradas e integração de fronteiras agrícolas, quanto nos aspectos sociais e culturais.

Becker (2008) discute que nos últimos 15 anos ocorreram grandes transformações na Amazônia, destacando que a ideia de fronteira permanece, porém com diferenças significativas em decorrência da complexidade do novo contexto em que essa região vive. Toda essa região de dimensões continentais é marcada pela diversidade de formas, culturas e espaços.

Atualmente, o espaço Amazônico apresenta-se marcado com a transformação do homem. A Amazônia não é mais percebida como um espaço

fechado e inabitável, hoje com o processo de extração, os elementos criados pela natureza modificaram-se e continuam se modificando. De acordo com Monteiro et al. (1997, p.21):

Nas últimas décadas, essa situação vem-se modificando em decorrência de fatores sociais, políticos e econômicos. Isto ocorre porque o governo vem incentivando grandes investimentos na Amazônia, provocando um intenso e violento processo de ocupação e povoamento. [...] A mata, por exemplo, é derrubada aceleradamente, implantam-se também grandes projetos, altamente lucrativos para um pequeno grupo de pessoas (MONTEIRO, p.21, 1997).

Com isso, verifica-se que as mudanças ocorridas no espaço amazônico são decorrentes na própria ação do homem que usa a natureza para atender suas necessidades. Por isso, este espaço sempre estará em processo de transformação, uma vez que as necessidades humanas não se cessam, causando assim, a reorganização do espaço.

2.1 O Período da borracha e a mineração

O espaço geográfico amazônico tem sido modificado durante os tempos em decorrência da exploração das riquezas presentes na região. Dentre os vários recursos explorados na região, tem-se o período da borracha que marcou a economia da região por volta do século XX.

Segundo Monteiro et al (1997), a borracha tornou-se uma importante matéria prima para o setor industrial. Isso impulsionou o processo de exploração da região que era extraída em situações subumanas e vendida por um preço insignificante aos povos europeus.

O período da Borracha marcou a história do espaço amazônico, atraindo para esta região diversos imigrantes em busca de riquezas fáceis.

Muitos dos que se dirigiram para a Amazônia durante o ciclo da borracha tinham como perspectiva um rápido enriquecimento e o retorno ao Nordeste como horizonte. Desenvolveu-se, assim, um povoamento instável, muito suscetível às variações da demanda internacional de látex (GONÇALVES, 2008, p. 376-37).

A maioria dos imigrantes eram nordestinos que fugindo da seca do sertão adentravam a “Selva”, formando grande contingente de trabalhadores nos seringais, principalmente nos estados do Pará, Acre e Amazonas. Com isso, os espaços amazônicos foram se organizando conforme a dinâmica da região. Muitas fronteiras foram abertas na Amazônia, novos estados foram surgiram em virtude do ciclo da borracha. Os imigrantes nordestinos, por exemplo, formaram diversas colônias agrícolas. Monteiro et al. (1997, p. 31) argumenta que o crescimento econômico e populacional na região amazônica atraiu o setor industrial, várias fábricas instalaram-se na Amazônia, mudando e reorganizando o espaço amazônico.

Contudo, as atividades tradicionais, como pesca, coleta, roça permaneceram, haja visto que as atividades de extração da borracha enriqueciam uma minoria, sobretudo, os colonizadores. A população era tida apenas como mão de obra barata, os trabalhadores dos seringais viviam situações deploráveis.

Segundo Monteiro et al (1997), o ciclo da borracha que teve seus tempos de glória, abastecendo, principalmente, os países europeus. Uma elite poderosa comandava os donos de seringais que explorava o seringueiro extrator, conhecidos como os soldados da borracha, a maioria era imigrantes nordestinos iludidos com as falsas promessas do governo, saíam de seus lugares de origem para aventurar a vida nos seringais da Amazônia.

Gonçalves (2008) complementa esse argumento ao afirmar que a exportação da borracha atingiu um grau elevado se comparado a produção de café, contudo, o ciclo da borracha foi uma iniciativa de capitais privados nacionais e, principalmente, estrangeiros que a financiaram. Desse modo, a população amazônica continuava pobre e a região sem grandes investimentos que pudessem beneficiar o povo amazônico, os interesses de enriquecimento eram para os grandes “barões”. Conforme Gonçalves (2008, p. 38):

Os seringalistas e comerciantes que se enriqueceram com a borracha preferiram investir seus capitais em imóveis em Manaus, Belém, Fortaleza e Rio de Janeiro. Na ausência de perspectivas diante de um mercado interno extremamente reduzido, em virtude de ausência de dinheiro nas mãos dos seringueiros que, ou estavam endividados com o barracão, que os mantinha prisioneiros do seringal, em troca de novos aviamentos de víveres e sem ver a cor do dinheiro [...] Assim, o complexo socioeconômico da borracha não foi capaz de engendrar por si próprio perspectivas de um desenvolvimento autossustentado na região.

Isso correu não pela falta de lucro proveniente da borracha, mas pela a opção das elites regionais que visavam apenas a exploração do espaço amazônico para investir em outros espaços de maior destaque socioeconômico. Contudo, não é de se negar que o ciclo da borracha trouxe grandes transformações ao espaço amazônico, principalmente, em termos de estruturas, muito embora, essas inovações tenham sido apenas para uma pequena elite.

Monteiro et al. (1997), destaca que a rede urbana passou por uma grande expansão. Com a ocupação de novas áreas para exploração iam surgindo novos núcleos urbanos, constituindo-se novos espaços. Nas grandes cidades, por exemplo, a elite inspirada na arquitetura europeia, investe em grandes construções como palacetes, igrejas, praças, bosques, parques, teatros, cinemas etc. Com a crise da borracha, o desenvolvimento geográfico em alguns espaços da região estagnou-se, apenas nos lugares em que se desenvolviam outros tipos de extrativismos e atividade agrícola houve um positivo desenvolvimento.

Segundo Monteiro et al (1997), após o colapso da borracha ocorrido na década de 50, grandes empresários brasileiros e estrangeiros organizaram-se para tentar ocupar a região para a exploração de outros recursos disponíveis na região. Essa tentativa deu início a criação de vários projetos públicos e particulares em que o governo mantinha alianças com grandes empresas nacionais e internacionais.

Monteiro et al (1997), argumenta que o foi criado a SPVEA (Superveniência do Plano de Valorização da Amazônia) em 1953 com o objetivo de elaborar propostas consistentes em que se valorizasse a economia da região. Isso sem dúvidas, foi mais uma forma de facilitar o enriquecimento dos grandes investidores, apropriando-se nas riquezas na região Amazônica unicamente para fins lucrativos. Depois criam-se a SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) que foi criada em 1966 para ordenar e supervisionar os programas e planos designados à Amazônia Legal.

Esses projetos eram formas de beneficiar e facilitar a exploração da região amazônica, inclusive, eram financiados pelo próprio governo, com a falsa promessa de desenvolvimento e progresso para a região. Sabe-se que após a ciclo da borracha, a exploração volta-se para o minério da região.

A exploração minerária da Amazônia brasileira não é algo recente, desde a colonização, já fazia extração do ouro, diamantes e cristais. Mas com o incentivo desses projetos e investimentos de grandes empresas, essa exploração intensificou-se na região. De acordo com Monteiro et al (1997), com total apoio do governo, vários projetos de mineração foram instalados na região. Ao tentar promover o aproveitamento das riquezas minerais da Amazônia, esses projetos acabam por facilitar a entrada de grandes empresas na região, visando apenas a exploração desmedida, causando com isso, inúmeras conflitos violentos.

O projeto de mineração na região contribuiu com a transformação desordenada na região. Monteiro et al (1997, p. 83), afirma que:

A intensa exploração dos recursos minerais como o ferro, o manganês, a bauxita e o ouro vem causando ameaças de esgotamento desses recursos, bem como a contaminação dos ecossistemas. A poluição dos rios, igarapés e solos, bem como o surgimento de novas doenças são alguns dos graves problemas gerados pela exploração mineral. Além disso, essa atividade tem provocado alterações na forma de relevo da região, formando grandes buracos a céu aberto, como aqueles da Serra Pelada (PA), da Serra do Navio (AP) ou mesmo da Serra dos Carajás (PA).

É fato que essa apropriação do minério da região proporciona maiores benefícios aos seus investidores, que são, obviamente, grandes empresas nacionais e internacionais. Todo o minério é levado da região, deixando apenas, miséria, poluição e pessoas desapropriadas de suas próprias terras. A exploração tem causado intenso movimento migratório da população, provocando ocupações desordenadas que muitas vezes ocorrem com a violenta apropriação da terra do cabocla e do indígena.

Becker (1995), argumenta que a implementação de projetos em que visam a exploração dos recursos naturais da região amazônica configura-se um processo de politização da natureza desnaturalizando questões ambientais. A degradação ambiental imposta pelos projetos políticos em prol do desenvolvimento acaba gerando conflitos na região, pois as pessoas que vivem na Amazônia, muitas vezes, são usurpadas de seus direitos de viver em paz em suas terras, desenvolvendo sua própria dinâmica de vida.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Essa seção engloba a parte dos resultados da investigação, contendo contextualização da pesquisa, espaço, sujeitos e descrição. Consideramos a investigação desta temática no campo educacional uma necessidade premente. Esta pesquisa é uma forma de contribuir com o desenvolvimento teórico da temática com ênfase na escola como instituição que distribui significados a esta discussão.

3.1 Contextualização da pesquisa

Este estudo está em consonância com os processos fenomenológicos, pois estamos discutindo questões que se referem à experiência vivida no dia a dia das pessoas. Contudo, como aponta Gil (2007), é preciso certificarmos se a experiência compartilhada é a melhor fonte de dados para o estudo do fenômeno. Utilizamos assim uma abordagem de estudo vinculada a uma perspectiva qualitativa, pois buscamos refletir sobre o tema estudado a partir de uma discussão teórica.

Com isso, desenvolvemos esta pesquisa na escola Municipal de ensino Fundamental Airton Senna, localizada na zona rural do município de Marabá-Pa. Esta investigação aconteceu no segundo período de 2013, nos meses de outubro e novembro. Tivemos como objetivo coletar textos de alunos do 8º e 9º que foi proposto à eles com a seguinte temática discursiva para escrita: *O que você entendeu sobre a região amazônica na disciplina Estudos Amazônicos?*

Esta pesquisa teve como procedimentos metodológicos a observação estruturada das aulas de Estudos Amazônicos e solicitação de uma produção textual por parte dos alunos. Uso desses instrumentos de coleta de dados foram importante para pudermos compreender como a abordagem geográfica pode contribuir com a construção de um pensamento crítico sobre a região amazônica, possibilitando o reconhecimento da diversidade que é a Amazônia.

O contato inicial com escola escolhida para a pesquisa deu-se pela formalização através de carta de apresentação e ofício à direção da instituição. Com esse respaldo, iniciamos a aproximação com a direção e os professores, apresentando-lhes os objetivos da pesquisa e a metodologia a ser utilizada para a coleta de dados. Esse diálogo foi necessário para ganharmos confiança dos sujeitos pesquisados. Em seguida, iniciamos o contato como os alunos que ocorreu tanto com observações em sala de aula quanto com a sugestão para a produção textual.

3.2 Espaço da pesquisa

A escola pesquisada nomeado como Airton Senna, trata-se de uma escola de educação do Campo, localizada na zona rural de Marabá-Pa, na estrada rio preto, na Vila Tainá. O histórico da escola em que se realizou esta pesquisa não foge muito da realidade de outros espaços considerados do Campo. Com a permissão da gestão escolar as informações que se seguem foram coletadas no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola.

A escola em questão trata-se de uma escola de assentamento, inicialmente foi constituída em um barracão organizado pelos próprios ocupantes. Apresentava algumas dificuldades. Quando iniciou o processo pedagógico tanto estrutural quanto pedagógico. As turmas eram multisériados, não se considerava as distorções idade/série, nem os níveis de aprendizagem, bem característico da realidade do campo, pois sendo tão complicado o acesso ao local, a contratação de professores, as dependências estruturais das escolas (precárias e sem condições de uso com qualidade), não havia outra opção que contemplasse a demanda heterogênea da educação do campo.

Com organização e luta da comunidade por um ensino eficiente, os representantes da associação de moradores foram em busca de parcerias e melhores condições para a escola.

Com o passar dos anos foi construído um prédio de boa estrutura, através de várias entidades tais como: Associação dos Produtores do Assentamento, INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), junto ao Projeto do Governo Federal iniciou a construção de um novo prédio, mais moderno e com

amplas instalações para a dinamização do processo ensino aprendizagem. A escola ocupa uma área de 100x80m², divididas em 8 salas, sendo que 4 são de aulas, 01 laboratório de informática equipado e em pleno funcionamento, 01 sala de professores, 01 secretaria, 01 diretoria, 01 sala de leitura, 03 dispensas, 01 pátio amplo, 01 cozinha estruturada, 01 banheiro com 04 vasos, 02 pias e chuveiro, 03 banheiros completos, 01 alojamento para professores com 02 quartos, 01 banheiro e uma área coberta.

Com a chegada da energia anos posteriores, a escola recebeu os benefícios tecnológicos e de informatização. Em termos de estrutura, a escola mostra-se em condições dignas para atender a comunidade. Um dos principais problemas diagnosticados nessa comunidade, trata-se das estradas por onde passam os ônibus que transportam os alunos que vivem nas vicinais, boa parte delas, encontra-se em situação lastimável, principalmente, no período de inverno. Isso interfere negativamente no desenvolvimento do educando, pois com as faltas contínuas muitos alunos acabam reprovando ou prejudicando sua aprendizagem.

A escola oferece desde o Ensino Infantil ao Fundamental Maior (no Sistema Modular¹). A realização dos concursos públicos promovidos pela Prefeitura Municipal de Marabá selecionou e qualificou os professores para atuarem na função e compreenderem como acontece a aquisição do conhecimento pelos alunos. Hoje está em reconstrução do seu PPP (Projeto Político Pedagógico da escola). A escola funciona como polo de escolas menores situadas na zona rural, tendo a autonomia administrativas para atender as necessidades das escolas vizinhas, principalmente na liberação de transferência e documentação em geral.

A escola em questão faz parte dos programas PDDE (Programa Dinheiro direto na escolar), PDE (Programa de desenvolvimento da escola), Mais Educação com aquisição destes recursos foi possível comprar materiais permanentes como: televisores, Micro systems, ventiladores, copiadora a laser, máquina fotográfica, filmadora, batedeira, material esportivo em geral, violão, antena parabólica, etc. A escola conta com uma equipe que procura satisfazer os anseios da comunidade em geral, garantidos uma educação de qualidade onde as habilidades desenvolvidas contribuam para a construção da cidadania individual e coletiva. Tem

¹ Baseado na Lei nº 7.808, de 29 de abril de 2014, regulamentando o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino, regimentada pela secretaria de Educação do Estado (SEDUC).

uma demanda de 200 alunos regularmente matriculados nesta Unidade de Ensino. Que está assim distribuída: 02 professoras de 1º ao 5º ano, durante o ano no Sistema Modular passam 04 professores com suas respectivas disciplinas, 01 secretária, 01 auxiliar de secretaria, 01 facilitador, 01 de vigia diurno, 03 serventes, 02 vigias noturno, 01 coordenadora Pedagógica, 01 Gestora.

A Região Sul e Sudeste do Pará é conhecida como um espaço rico em minério. A escola pesquisada fica localizada em um espaço de exploração de ferro, manganês e outros tipos de minérios, além disso, nessa região, ocorrem frequentemente atividades de extração de madeiras. Muitos dos pais dos alunos trabalham em empresas de extração de minérios e madeiras.

Os discentes convivem diariamente com a realidade degradante que a exploração desses recursos causam ao espaço Amazônico. Por ser uma região cheia de perspectivas de trabalhos, muitas famílias oriundas das diversas regiões do Brasil chegam a Vila Tainá em busca de empregos e enriquecimento fácil. Com isso, a escola em questão torna-se um espaço bastante heterogêneo.

3.3 Considerações sobre o ensino do Campo

Atualmente, o número de escolas do Campo vem aumentando no cenário educacional. A população que participa desse tipo de educação está sendo tema de muitas discussões teóricas desenvolvidas por instâncias acadêmicas. Hoje, muitas instituições apresentam uma educação específica para esse grupo de pessoas, são propostas que procuram problematizar questões de cunho cultural e indenitário desses espaços. Isso porque, as escolas do campo vivem uma dinâmica diferente de organização educacional que as escolas do perímetro urbano. No artigo 28 da LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes bases da educação) em que discute sobre educação do campo, compreende-se que:

- Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:
- I- Conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da Zona rural;
 - II- Organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar à fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
 - III- Adequação na Zona rural.

Nas escolas do campo é preciso considerar vários aspectos desse contexto, como o ambiente físico tanto da escola quanto da zona rural, as tradições familiares, as condições sociais, entre outras, para entender a dimensão cultural-social e pluralidade do processo educativo, toda a gestão escolar; ou seja, todos que fazem parte da comunidade escolar, direção, professores, alunos, pais e funcionários podem e devem opinar nas decisões da escolar.

Quando se estuda um espaço em que o processo educacional seja no Campo, é essencial a retomada desse “Lugar” como um espaço cultural e marcado por uma identidade singular em que atua sujeitos com uma dinâmica diferenciada de outros espaços. Sendo necessário, a compreensão conceitual dessa nomenclatura: Campo. Para Fernandes (2006, p. 28),

O significado territorial é mais amplo que o significado setorial que entende o campo simplesmente como espaço de produção de mercadorias. Pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana. O conceito de campo ou rural somente como espaço de produção de mercadorias.

O sentido desse termo é amplo, possuindo inúmeras dimensões sociais. Todavia, não se pode avaliá-lo simplesmente como um lugar de produção agrícola, mas como espaço em que se constroem valores educacionais e de experiência de vida. Em um sentido restrito, no campo, possui-se a dimensão de analisar questões culturais, econômica, políticas e sociais da sociedade em geral,

As pessoas do campo possuem dinamismo especial, além disso, procuram mais responsabilidade e respeito com as pessoas, pois ainda não tem tanta interferência dos meios de comunicação, os quais, às vezes mudam os sujeitos de valores e atitudes. Na convivência com as pessoas, por meio do exemplo e do diálogo, pode-se ensinar muito para as crianças do campo, pois elas se espalham no exemplo de toda a comunidade escolar (PINHEIRO JUNIOR 2014, p. 15).

Ao repensar a educação do campo é preciso analisar o cenário brasileiro. Muitas crianças vivem nesse meio, então é necessário valorizar e incentivá-las a permanecer na escola e progredir nos estudos, já que a maioria vive em condições muito precárias e algumas deixam a escola para trabalhar. Os gestores das escolas precisam conquistar e trazer as crianças para a escola.

É fundamental nas escolas do campo, fazer com que os educandos percebam e relacionem o conhecimento científico das aulas com a própria realidade em que vivem, assim inúmeros assuntos poderão ser compreendidos e assimilados, facilitando à compreensão. As escolas do campo são consideradas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de geografia e estatística) todas aquelas localizadas em um espaço geográfico na zona rural, portanto, ainda necessitam inserir-se em um meio rural e serem reconhecidas como escolas do campo.

Com essa compreensão, as aulas para esse público precisam estarem em consonância com a dinâmica de vida da comunidade, sendo respeitado questões culturais, sociais e econômicas dos educandos e seus familiares. Por exemplo, é comum nessas comunidades, os moradores viverem da agricultura, pecuária ou pesca, muitos deles contam da força do trabalho dos próprios familiares, neste caso, os alunos, no período de colheita ou trabalhos relacionados a Terra são obrigados a faltar as aulas para auxiliar seus pais no trabalho que lhes darão o sustento diário.

Outro fator diferencial, são os transportes que levam os alunos à escola, geralmente, em período de chuvas fortes, os ônibus não conseguem chegar as vicinais, impossibilitada pelas estradas esburacadas e com pontes quebradas, dentre outros problemas, comumente encontrado na zona rural. Nessas localidades do campo, acontece um fluxo imigratório muito forte, muitos trabalhadores chegam ao campo para trabalhar nas propriedades, mas com tempo, mudam-se novamente, causando evasão escolar.

A educação do Campo é um desafio ao educador, sobretudo, pelas singularidades pertinentes ao ensino. O docente precisa levar em consideração as diferenças que esse tipo de educação reproduz, para assim, realizar e desenvolver seu trabalho de forma que auxilie na aprendizagem do educando, sem deixar de valorizar aspectos essenciais de sua cultura e identidade.

3.4 Sujeitos da pesquisa

Foram sujeitos desta pesquisa 40 alunos, sendo 20 de uma turma de 8º ano e 20 do 9º ano. Os estudantes apresentavam faixa etária de 12 a 17 anos. Esses adolescentes correspondiam a 23 meninas e 17 meninos. São alunos de classe média baixa. Sobre a situação social desses sujeitos, coletamos através de entrevista em sala de aula o seguinte: 5 meninas moram na casa dos tios, os pais vivem em outra cidade. Dois meninos moram com os avós. 3 meninas são casadas. Uma adolescente estava grávida de cinco meses. Alguns dos meninos afirmaram que trabalham na agricultura, auxiliando os pais. Os trabalhos desenvolvidos tratam-se de plantação de mandioca, arroz, feijão, cultivo de hortaliças, criação de gado e porcos, dentre outros.

A maioria dos alunos não vivem nas vicinais próximas a Vila em que fica localizada a escola, por este motivo, os alunos dependem diretamente do ônibus escolar para ter acesso a escola. Os discentes participam de um ensino no sistema modular, o sistema modular de ensino é pautada na Lei (LDB 9394/96), que aprovou vários instrumentos legais de grandes impactos para Educação Brasileira uma delas a obrigatoriedade da elaboração do PNE (Plano Nacional de Educação), que veio para contribuir nas construções de políticas e programas voltado para a melhoria da Educação.

No município de Marabá, a Lei 7.806, regulamentado pela Secretaria de Educação do Estado (SEDUC). Esta lei garante aos alunos de zona rural o direito a educação básica e isonomia nos direitos, assegurando a ampliação do nível de escolaridade e a permanência dos alunos em suas comunidades, levando consideração as peculiaridades e diversidades do Pará.

A portaria nº 0001/2014, no artigo 10º define que a lotação do profissional de educação para o modular deve corresponder a 200 horas mensais. A partir da resolução 006/2002, complementada e ratificada pela resolução 01/2003 (Conselho de Educação de Marabá), a disciplina de Estudos Amazônicos ficou com carga horária de oitenta horas anuais para 6º e 7º anos e cento e vinte horas anuais para o 8º e 9º anos, respectivamente. O professor observado, ministrava aulas de Geografia e Estudos Amazônicos nos turmas investigadas.

A abordagem metodológica usado neste estudo, baseou-se na análise das aulas de Estudos Amazônicos durante o módulo em que foi trabalhado com temas

sobre o Espaço Amazônico, dando ênfase em questões como o período borracha e exploração do minério de ferro. As aulas estavam em conformidade com a proposta curricular de ensino da SEMED (Secretária de Ensino Municipal de Educação)

3.5 Resultado e análise dos dados

Nessa seção, estamos propondo discutir sobre os resultados da pesquisa, desenvolvendo obviamente, a análise dos textos produzidos pelos alunos. Nas aulas observadas constatamos que o professor para discutir sobre o espaço amazônico usou leituras de textos conceituais sobre a Amazônia, mostrando através de mapas e imagens expressas nos livros didáticos a região em estudo, possibilitando a compreensão da região amazônica, em especial, os aspectos referentes a exploração da borracha e mineração desenvolvida na região Sul e Sudeste. Para melhor entendimento conceitual e teórico, deste tema, observamos uma discussão sobre olhar espacial que se deve ter sobre a região, pois fazer uma análise geográfica é analisar as dinâmicas sócias, as relações entre os homens e como o eles se relacionam com as limitações/condições e possibilidades econômicas na região.

As aulas discorriam basicamente fundamenta em textos xerocados pelo professor e o livro didático de geografia. A escola não havia recebido livro didático para a disciplina Estudos Amazônicos. Como professor ministrava as duas disciplinas, verificamos uma tentativa do docente em relacionar os conhecimentos geográficos para compreensão do espaço amazônico. Nas aulas em que se discutia sobre o período da borracha, por exemplo, professor mostrou em mapa, os espaços de concentração dos seringueiros, explicando como ocorreu esse processo histórico da região e como essa região está hoje. Mesmo como poucos recursos, a tentativa do docente era fazer com que os alunos entendessem as mudanças econômicas desse processo para região. Na fala do professor, era destacado as transformações do espaço geográfico a partir desse importante período, o da exploração da borracha.

Em entrevista com professor, pedimos para aplicarmos a proposta de produção textual as turmas. Antes, informamos aos alunos os objetivos da pesquisa. Como o número de alunos nas salas era bastante reduzidos, esse processo de coleta do textos ocorreu em quatro aulas. Alguns alunos não conseguiram escrever o texto. Neste caso apenas 30 alunos entregaram a produção textual solicitada. Dos textos, constatamos uma repetição de ideias e argumentação, por este motivo, foi escolhido para compor a análise nesta pesquisa apenas 10 textos. Ressaltamos que os demais textos apresentavam ideias semelhantes aos dos escolhidos, por isso, para não haver repetições desnecessários, julgamos a análise apenas dos mencionados.

3.5.1 O ENSINO DE ESTUDOS AMAZÔNICOS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

De acordo com a lei Municipal de Marabá Nº 17.149 de 30 de junho de 2004, o Conselho Municipal de Educação de Marabá-PA, respeitando o disposto na Lei municipal nº 13.135/1993, estabelece a parte diversificada do currículo dos estabelecimentos de ensino municipal de Marabá/Pa. Nesta seção, destaca-se a escolha da disciplina Estudos Amazônicos para as séries de 6º a 9º ano, correspondendo a 25% da carga horária anual implantada a partir do sexto ano de escolaridade, tendo como marco referencial o trabalho transversal e interdisciplinar na disciplina Estudos Amazônicos (MARABÁ, 2002).

Na condução desta disciplina nas Escolas, merece destaque a temática ambiental, cujo objetivo é valorizar e contribuir para uma educação ambiental que incorpore as perspectivas da importância do meio ambiente para os sujeitos sociais, possibilitando assim, estabelecer uma prática pedagógica nas escolas contextualizada e crítica, que aborde os problemas estruturais da região Amazônica, como por exemplo, as causas do baixo padrão qualitativo de vida da maioria dos habitantes da região, a utilização do patrimônio natural como mercadoria e degradação ambiental. De acordo com o PCN (Parâmetros curriculares Nacional) sobre meio ambiente e saúde o ensino de questões ambientais deve centrar-se:

Principalmente no desenvolvimento de valores, atitudes e posturas éticas, e no domínio de procedimentos, mais do que na aprendizagem de conceitos, uma vez que vários dos conceitos em que o professor se baseará para tratar dos assuntos ambientais pertencem às áreas disciplinares [...] Mais do que um elenco de conteúdo, o tema Meio Ambiente consiste em oferecer aos alunos instrumentos que lhes possibilitem posicionar-se em relação às questões ambientais. (PCN, 2001, p. 57).

A disciplina intitulada Estudos Amazônicos tem como alvo compreender o espaço amazônico a partir da perspectiva regional, através da ocupação/ integração no mercado nacional e global com esta visão o aluno passa a refletir a respeito dos problemas ambientais as falsas representações da relação entre sociedade e natureza na qual muitos livros didáticos de geografia traz essa discussão.

Desse modo, o trabalho transversal nas áreas de geografia/Estudos Amazônicos tem a possibilidade de abordar diversos Temas: ética, pluralidade cultural, Meio ambiente, saúde, trabalho e consumo.

A partir dessa compreensão é dado como referência metodológica a concepção de espaço natural ou geográfico onde o aluno passa ter uma visão crítica da história do espaço territorial Amazônico e no que tange ao saber geográfico é significativo para aluno ter um olhar crítico diante da realidade em que se encontra o espaço Amazônico. É de grande importância que o professor desenvolva diversas competências e habilidades que seja importante no desenvolvimento da construção da cidadania intelectual do aluno de um saber geográfico.

Neste sentido, a prática pedagógica do professor da disciplina Estudos Amazônicos deve ser pensada e conduzida a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva acerca das transformações históricas e geográficas processadas na região amazônica, que de forma direta ou indireta tocam a vida e o cotidiano dos alunos e sua família. E que dessa forma, o permita reconhecer a partir do lugar onde mora, a presença de processos sociais que contribuem para a transformação de seu espaço social, e, portanto, de sua vida.

Por isso, este trabalho procura compreender como a abordagem geográfica nas aulas de Estudos Amazônico pode contribuir com a formação de um pensamento crítico sobre a Amazônia, buscando entender a dinâmica do espaço Amazônico e o desenvolvimento socioeconômico da região. Nesse sentido,

observa-se como o espaço geográfico vem sendo produzido e ocupado ao longo dos tempos. Gomes (1982), argumenta que:

[...] Como realidade objetiva, o espaço deve ser no sentido do geral, isto é da natureza que existe objetivamente desde que o mundo é mundo e da sociedade como realidade também objetiva, que independente da consciência do homem, e fruto do processo histórico que a confirmar como real e evolutiva. Ao mesmo tempo, são interdependentes, isto é, possuem autonomia e dependência recíproca (interação mútua). Temos que vê-lo no processo de sua produção espacial; o que significa que jamais poderíamos estudar, pesquisar, qualquer realidade à luz da ciência geográfica se nós não levássemos em conta o movimento dialético dos componentes que dão estrutura ao fato geográfico em questão, bem como a evolução do fato como um todo. (GOMES, 1982, p.99,100).

Becker (2002) discute que as marcas históricas da formação da região e as mudanças que nela ocorreram no final do milênio passado, assim como os impactos ambientais da globalização atribuíram à Amazônia um valor estratégico como fronteira, para o uso da natureza mediante as novas tecnologias. Contudo, o espaço amazônico deve ser compreendido para além de suas fronteiras, a Amazônia brasileira é um espaço dinâmico, heterogêneo e cultural.

3.5.2 ANÁLISE DOS TEXTOS DE ALUNOS DO 8º E 9º ANO: COMPREENSÕES SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO AMAZÔNICO

Na realização desse trabalho, utilizamos como instrumento catalisador de informações, a análise de textos produzidos pelos alunos na disciplina Estudos Amazônicos e contamos com a colaboração de quinze alunos (as) do ensino fundamental que estudam nas escolas da zona rural do município de Marabá/PA. Dessa maneira então, pretendemos compreender de forma significativa a aprendizagem dos (as) discentes, considerando como padrão para as demais atividades que venham de encontro à aprendizagem do componente curricular intitulado *Estudos Amazônicos*.

Por meio de observações da prática docente e experiências em sala de aula, podemos constatar que tal disciplina tem contribuído para que o(a) educando(a) tenha uma postura de valorização de seu espaço geográfico mais próximo, ou seja, sua espacialidade de maior contato, desenvolvendo assim, valores pessoais e

coletivos, tais como, senso crítico, respeito mútuo, consciência ambiental e espacial, cidadania etc.

Sendo assim, as reflexões dos *Estudos Amazônicos* tem como referência o trabalho transversal e interdisciplinar com a temática ambiental, sempre valorizando e contribuindo por uma educação ambiental que incorpore as perspectivas dos sujeitos sociais, permitindo estabelecer uma prática pedagógica contextualizada e crítica que explique os problemas estruturais da nossa região, as causas do baixo padrão qualitativo de vida e da utilização do patrimônio natural como uma mercadoria.

Portanto, é de suma importância desenvolvermos as diversas competências e habilidades necessárias para a construção da cidadania intelectual do (a) aluno (a) levando-o (a) a compreender o processo de formação histórica do espaço amazônico em suas múltiplas relações, assim como desenvolver o senso de investigação da busca e das pesquisas de novas informações em seu cotidiano, sentindo-se como integrante e responsável pela preservação do meio ambiente amazônico.

O material coletado para análise resulta em textos produzidos pelos (as) alunos (as) desenvolvidos a partir da pergunta “O que se compreendeu na disciplina Estudos Amazônicos?”. O primeiro texto analisado trata-se do seguinte:

TEXTO-1

O que você entendeu sobre a disciplina de Estudos Amazônicos

Eu entendi que esse Estudo Amazônico fala sobre a Região Norte. No entanto, a região que estudaremos de fato, é a região amazônica, espaço e região norte, que está na base norte do Brasil. São o Pará, o Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima, Amapá e Tocantins.

A exploração capitalista que as principais atividades econômicas da Região Norte Amazônica o meio ambiente. ~~que vêm sendo~~ praticadas na Amazônia, que vêm sendo destruída a mineração e a extração de madeira. Desmatamentos e a queimadas são responsáveis pela diminuição da infiltração de água no solo.

(Reprodução do depoimento original do aluno, transcrito abaixo)

Eu entendi que esse estudo amazônico fala sobre a Região Norte. No entanto, a região que estudaremos de fato é a região amazônica, espaço e região norte que está na base norte do Brasil. São o Pará, o Amazonas, Rondônia, Acre, Roraima, Amapá e Tocantins. A exploração capitalista das principais atividades econômicas da Região Norte ameaçam o meio ambiente. A agropecuária, a mineração, a extração de madeira, vem derrubando a mata, provocando desmatamentos e queimadas e são responsáveis pela diminuição da infiltração de água no solo (Isabela, oitavo ano)

Nota-se que o aluno já consegue estabelecer uma diferença entre região norte e Amazônia, além de perceber notadamente como as atividades econômicas exploratórias contribuem para a degradação ambiental da região em estudo. O depoimento seguinte complementa o primeiro:

TEXTO-2

11/10 O que você aprendeu na disciplina de Estudos Amazônicos.

Compreendi sobre a ^{nova} mata e economia da ^{nova} região, porque quando se fala de saberes são as econômicas, ela é uma região econômica. E quando a área caracterizada de fatos naturais, humanos, econômico e sociais, ela é considerada uma região geográfica.

Aprendi sobre IBGE e a SUDAM. E que pode ser ainda, identificada, uma outra delimitação da Amazônia que não é a do IBGE e nem a do SUDAM.

Vale lembrar que nessa delimitação da Amazônia ainda são marcante os aspectos naturais embora os aspectos políticos ligados a intensificação da exploração da região tenha sido os mais marcantes dessa delimitação.

Sobre o extrativismo vegetal, como a castanha do Pará, atividades madeireira e frutas e folhas. a economia da nossa região, como também o gado as caprinos. E o cultivo da terra que são a palha, mandioca, arroz e milho são muitas tipos de cultura. que entra nos meios de lucros da nossa agricultura.

(Reprodução do depoimento original do aluno, transcrito abaixo)

Compreendi sobre a economia da nossa região, porque quando os fatos que se sobressaem são os econômicos, ela é uma região econômica. E quando a área é caracterizada de fatos naturais, humanos, econômicos e sociais, ela é considerada uma região geográfica. Aprendi sobre o IBGE e a SUDAM, e que pode ser ainda identificada uma outra delimitação da Amazônia, que não é a do IBGE e nem da SUDAM. Vale lembrar que nessa delimitação da Amazônia, ainda são marcantes os aspectos naturais, embora as razões políticas ligadas à intensificação da exploração da região tenham sido os reais motivos dessa delimitação. Sobre o extrativismo vegetal, como a castanha-do-pará, tipos de madeira e alguns frutos são a economia da nossa região, como também o gado, os caprinos, e o cultivo da terra, que são a malva, mandioca, arroz e milho. São muitos tipos de cultura que cultivamos na nossa região e que também são os meios de lucro da nossa agricultura. (Paulo Abreu, aluno do oitavo ano).

Consideramos positiva a percepção desse aluno ao diferenciar região econômica de geográfica, além de compreender os motivos políticos que estabeleceram os critérios de subdivisão da espacialidade amazônica, embora o mesmo enxergue como marcantes os “aspectos naturais”. Partindo da contribuição de duas alunas entrevistadas, temos:

TEXTO-3:

15/10 O que você aprendeu da
Disciplina de Estudos Amazônicos

Bom Estudos Amazônicos é uma matéria muito interessante.

E eu aprendi muitas coisas legais como por exemplo: sobre o PGC, sobre as usinas, a borracha natural como ela era explorada e era em bolas, e eram levadas para outros países como Europeus, e Estados Unidos. e ali eles faziam centenas de produtos industrializados, e eles tinham muito mais lucro do que o Brasil. Eu aprendi também sobre a região norte e que o Brasil apresenta cinco grandes regiões geográficas: Grande Região Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul. São 7 os estados que formam a região norte: Rondônia, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Amapá, e Tocantins. A região norte é a maior região brasileira com o percentual de 45%, e a menor região é a região Sul com o percentual de 7%. A região norte é constituída por dois maiores estados brasileiros, o Amazonas e o Pará e a Amazônia geograficamente é um conjunto geoeconômico. E Belém é conhecida como a cidade das mangueiras. Eu aprendi também várias coisas interessantes sobre a minha região...

(Reprodução do depoimento original da aluna, transcrito abaixo)

Bom, Estudos Amazônicos é uma matéria muito interessante. E eu aprendi sobre o PGC, sobre as usinas, a borracha natural e como ela era explorada e era em formato de bolas e eram levadas para outros países como os europeus e Estados Unidos. Aí eles faziam centenas de produtos industrializados e tinham muito mais lucro do que o Brasil. Eu aprendi também sobre a região norte e que o Brasil apresenta cinco grandes regiões geográficas. A grande região norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul. São 7 os estados que formam a região norte, Rondônia, Roraima, Amazonas, Pará, Acre, Amapá e Tocantins. A região norte é a maior região brasileira com o percentual de 45%, e a menor região é a região sul com o percentual de 7%. A região norte é constituída por dois maiores estados brasileiros, o Amazonas e o Pará e a Amazônia, geograficamente, é um conjunto geoeconômico. E Belém é conhecida como a cidade das mangueiras. Eu aprendi também várias coisas interessantes sobre a minha região.

(Aline, aluna do oitavo).

Interessante a clara noção de ambas discentes, quanto ao lucro obtido pela manufatura da borracha no exterior, muito superior à venda da matéria-prima, ainda produto primário, extraída da Amazônia. Tal percepção denota como os objetivos propostos por esta disciplina foram plenamente alcançados. Ainda contando com a contribuição discente, vemos:

TEXTO-4:

Que você aprendeu na disciplina
na de Estudos Amazônicos

Eu entendi que a Amazônia é um espaço geográfico. A Amazônia tem diferentes conceitos possíveis de região e espaço geográfico está ao nosso redor.

E as coisas naturais: relevo, clima, vegetação, hidrografia, solo. Os estados da região norte são: Acre, Amazonas, Rondônia, Pará, Roraima, Amapá, Tocantins e a Sudam.

Hoje extinta é a agricultura e uma das atividades econômicas da Amazônia região norte e tinha muitas culturas inclusive as culturas asiáticas.

E a pecuária de bovino e bufalino.

E o extrativismo: extração de borracha e a castanha do Pará, uma das árvores mais extraídas na Amazônia para fabricação de casas, móveis etc.

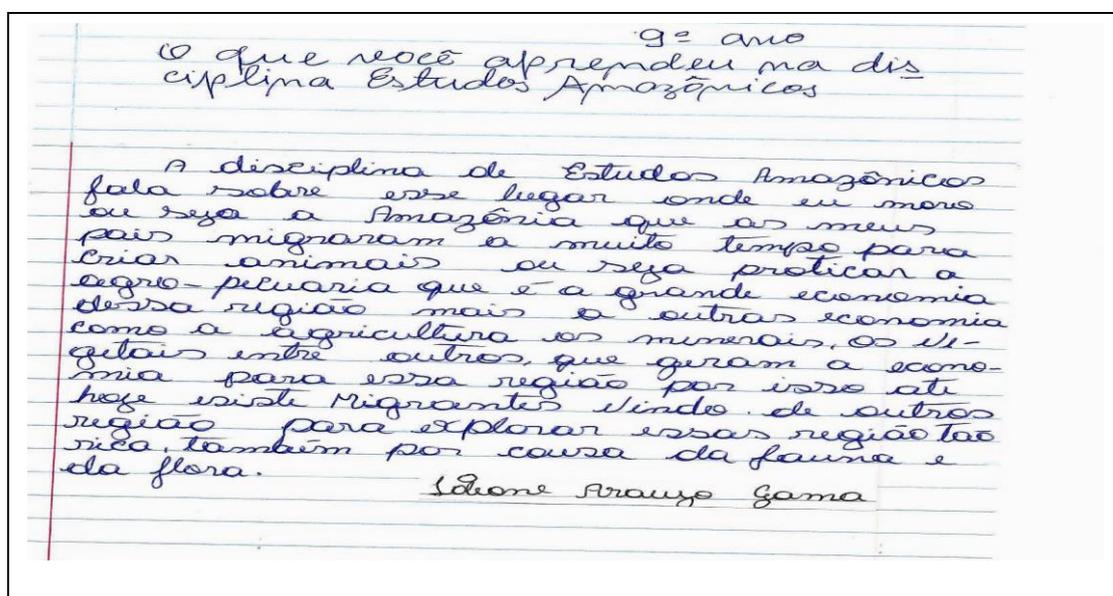
E foi isso que eu entendi.

(Reprodução do depoimento original do aluno, transcrito abaixo)

Eu entendi que a Amazônia é um espaço geográfico. A Amazônia tem diferentes conceitos possíveis de região. O espaço geográfico está ao nosso redor. E as coisas naturais: relevo, clima, vegetação, hidrografia, solo. Os estados da região norte são: Acre, Amazonas, Rondônia, Pará, Roraima, Amapá, Tocantins. E a SUDAM, hoje extinta. E a agricultura é uma das atividades econômicas da Amazônia, Região norte. E tinha muitas culturas, inclusive culturas asiáticas. E a pecuária de bovino e bufalino. E o extrativismo: extração de borracha e a castanha do Pará, uma das árvores mais extraídas na Amazônia para fabricação de casas, móveis etc. E foi isso que eu aprendi. (Marcos Vinícios, aluno do oitavo ano).

Percebemos como é motivador quando o aluno refere-se corretamente ao afirmar que a Amazônia constitui um espaço geográfico, e mais ainda, quando o mesmo o percebe ao seu redor, ou seja, a Amazônia é seu cotidiano. Outrossim, torna-se deveras gratificante quando o mesmo faz uma alusão ao processo de migração pelo qual passou a região em questão. Sua referência, ao denominar “culturas asiáticas” diz respeito à leva de imigrantes japoneses que também contribuíram à colonização amazônica ao longo do pretérito século.

Texto 5:



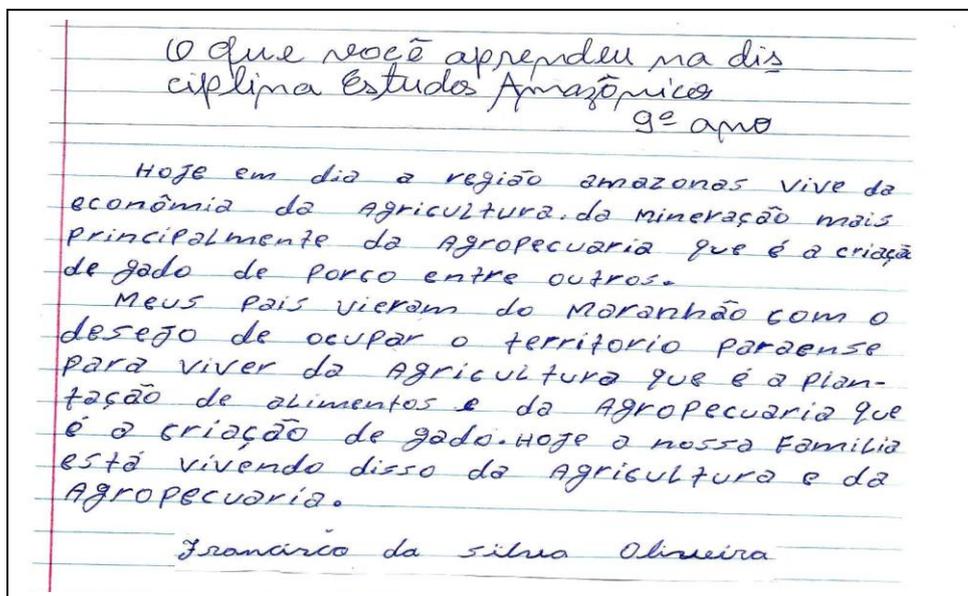
(Reprodução do depoimento original do aluno, transcrito abaixo)

A disciplina de estudos Amazônico fala sobre esse lugar onde eu moro ou seja a Amazônia que meus pais migraram para criar animais ou seja praticar a agro-pecuaria que é a grande economia dessa região mais as outras economias como a agricultura os minerais, os vegetais entre outros que giram a economia, para essa região por isso até hoje existe Migrante vindo de outra região para explorar essas regiões tão ricas, também por causa da fauna e da flora. (Ideone Araujo Gama, aluno do 9º ano)

É interessante a observação do aluno a respeito da exploração econômica da região Amazônica, e os motivos que atraíram a migração para essa região o aluno

deixa bem claro que agricultura, os minerais e vegetais também fazem o giro da economia dessa região.

Texto 6:



(Reprodução do depoimento original do aluno, transcrito abaixo)

Hoje em dia a região Amazonas vive da economia da agricultura da mineração criação de mais principalmente da agropecuária que é a criação de gado de porco entre outros. Meus pais vieram do maranhão com o desejo de ocupar o território paraense para viver da a gricultura que é a plantação de alimentos e da agropecuária que é a criação de gado. Hoje a nossa família está vivendo disso da agricultura e da agropecuária (Francisco da Silva Oliveira, aluno do 9º ano)

Observamos que o aluno tem uma clara percepção da ocupação do território quando o mesmo refere-se a migração de seus pais para ocupar as terras paraense, em sua fala percebe-se que o aluno apresenta alguns conhecimentos sobre outros ciclos econômicos da região Amazônica. Isso fica evidenciado na oração inicial do texto do aluno, expressado principalmente pelo marcador adverbial “hoje”. Essa colocação estabelece uma relação com outros ciclos econômicos da região ocorridos no passado, como por exemplo, a exploração da borracha comercializada pelos países europeus.

O texto seguinte apresenta um posicionamento crítico diante da realidade do espaço geográfico amazônico. O aluno mostra-se um sujeito consciente de situações de exploração vivenciadas na Amazônia.

Texto-7:

O que você aprendeu na disciplina Estudos Amazônicos de que

A Amazônia vem sendo explorada até hoje com o minério de ferro a retirar da seringa entre eles os tráficos de animais. Desde que a Amazônia era explorada pelos europeus, nunca a Amazônia deixou de ser explorada por pessoas hoje em dia. As pessoas que tiram as matérias primas também precisavam de mão de obra, para tirarem ou seja, explorada as madeiras como hoje precisam para fazerem moveis, casa, etc. Também que é muito explorada a água para o uso da energia elétrica. Quase todos os territórios estão sendo ocupado pelos emigrantes de um lugar para outros distantes. Hoje os usos destas coisas são muito ocupadas das tecnologias.

Marcelo Silva de Oliveira

(Reprodução do depoimento original do aluno, transcrito abaixo)

A Amazônia vem sendo explorada até hoje com o minério de ferro a retirar da seringa entre eles os tráficos de animais. Desde que a Amazônia era explorada pelos europeus, nunca a Amazônia deixou de ser explorada por pessoas hoje em dia. As pessoas que tiram as matérias primas também precisavam de mão de obra, para tirarem ou seja, explorada as madeiras como hoje precisam para fazerem moveis, casa, etc. Também que é muito explorada a água para o uso da energia elétrica. Quase todos os territórios estão sendo ocupado pelos emigrantes de um lugar para outros distantes. Hoje os usos destas coisas são muito ocupadas das tecnologias (Marcelo Silva de Oliveira, aluno do 9º ano)

É perceptível a noção do aluno em relação a exploração da matéria prima da região. É interessante notar na expressão “explorada até hoje”, o uso do termo “até” revela um conhecimento implícito sobre situações em que o espaço geográfico amazônico passou e ainda passa por situações de exploração de suas riquezas. Seu texto mostra informações relevantes sobre o contexto atual em que são explorados recursos naturais para o benefício econômico do homem, como a exploração da água para geração energia elétrica.

Contudo, alguns textos ainda limitam-se a uma visão fechada sobre a região, como podemos verificar no texto seguinte:

Texto-8

ESTUDOS

8º ano

O que você aprendeu na disciplina Estudos Amazônicos

O que eu aprendi na disciplina de estudos amazônicos. O que eu aprendi foi falar sobre os tipos de Amazônia do Brasil sobre as matas, Rios áreas de plantas, matas de animais que os animais vivem sobre eles vivem e etc... sobre os animais que vivem sobre os rios, sobre a natureza dos animais, e humanos, etc... eu aprendi muitas coisas sobre a Amazônia e foi muitas coisas que eu aprendi na disciplina de estudos amazônicos e eu gostei de aprender sobre a Amazônia e sobre como os animais vivem.

Denise dos santos e santos

(Reprodução do texto da aluna, transcrito abaixo)

O que eu aprendi na disciplina de Estudos Amazônicos. O que eu aprendi foi falar sobre os tipos e Amazônia do Brasil, sobre as matas, rios, áreas de, plantas, matas de animais que os animais vivem sobre eles vivem e etc...sobre os animais que vivem sobre os rios. Sobre a natureza dos animais, e humanos, etc... eu aprendi muitas coisas sobre a Amazônia e foi muitas coisas que eu aprendi na disciplina de Estudos Amazônicos e eu gostei de aprender sobre a Amazônia e sobre como os animais vivem (Denise dos Santos, 8º ano)

Apesar da confusão de ideias no texto da aluna, a repetição exaustiva dos elementos relacionados a natureza do espaço geográfico, revela que a compreensão sobre a Amazônia, limita-se a uma região fechada, ou seja, a concepção aqui, refere-se a um lugar comumente divulgado pelos meios de comunicação, como um lugar natural onde habita apenas animais selvagens. A Amazônia da aluna é uma selva fechada, supostamente, essa estudante ainda faz parte daqueles que se distanciam do espaço geográfico amazônico e fala do seu lugar como se o olhasse de fora.

Infelizmente, em alguns dos textos dos alunos, frequentemente, encontramos marcas desse distanciamento, muitos alunos usam marcadores como “lá na Amazônia”, “porque lá é assim”. Essa ocorrência é importante para repensarmos metodologias de ensino em que desconstruía essas concepções, tentando mostrar para educando que a Amazônia é o lugar onde ele habita, ela está em cada de nós. A maioria dos alunos nas duas turmas trabalhadas apresentou ideias de consenso. Em conversa informal com os alunos falas limitavam-se a esse discurso:

“A Amazônia é uma grande floresta com muitos animais em extinção, tem também os rios e os índios, eu acho que é isso”.
“Vive muita gente, mas a maioria é só os índios”.

Essas falas carregam marcas que caracterizam uma Amazônia estável e fechada. Embora os alunos vivam na região Amazônica, eles se distanciam e negam sua identidade amazônida. Foram poucos alunos que usaram o pronome “nós” para se referir a essa região. Na tentativa de quebrar com esse paradigma, o professor de Geografia e principalmente de Estudos Amazônico, precisa mostrar aos alunos que vivemos em espaços amazônicos. Nós somos a Amazônia. Com esse reconhecimento, os alunos podem se afirmar como sujeitos constituintes da Amazônia.

Como argumenta Ana Pizarro (2012), a Amazônia é uma formação discursiva, esses discurso foram comprados, inclusive por aqueles que vive nesta região. Apesar do trabalho do professor em sala de aula seja de desconstruir com essas concepções, os meios de comunicações são fontes alienantes para estes sujeitos. Mas a partir do prática e postura de desconstrução do professor em sala de aula, podemos verificar nos textos dos alunos uma compreensão do espaço geográfico de forma mais ampla e próxima da realidade do educando.

É importante destacar a compreensão que os alunos mostram sobre os o grupos indígenas e ribeirinhos da região. No texto seguinte, o aluno argumenta sobre a representação do indígena na constituição do espaço amazônico.

Texto- 9

Estudos Amazônicos

Mediante o que você já estudou, comente com suas palavras o que você aprendeu na disciplina de Estudos Amazônicos.

Eu aprendi várias coisas como por exemplo que as terras que hoje vivemos não era nossa, mas sim dos povos indígenas. E que também os índios faziam o positivo e o negativo para não desmatar as florestas que era muito preciosa para eles. Outra coisa que para os índios era sagrada era os rios que deles tiravam o sustento para suas famílias. Também a Amazônia tem uma vantagem que além dos brasileiros também vem imigrantes de outros países e de outras origens que também foi alvo da política de ocupação da Amazônia. Também nós que aqui vivemos devemos ter consciência de que devemos fazer para não prejudicar as gerações futuras.

Reprodução do texto do aluno, 9º ano)

Eu aprendi várias coisas como por exemplo que as terras que hoje vivemos não era nossa, mas sim dos povos indígenas. E que também os índios faziam o positivo e o negativo para não desmatar as florestas que era muito preciosa para eles. Outra coisa que para os índios era sagrada era os rios que deles tiravam o sustento para suas famílias, também a Amazônia tem uma vantagem que além dos brasileiros vem imigrantes de outros países e de outras origens que também foi alvo da política de ocupação da Amazônia. Também nós que aqui vivemos devemos ter consciência de que devemos fazer para não prejudicar as gerações futuras.

No texto, é possível verificar a compreensão do aluno em relação à formação das sociedades existentes na região, dando ênfase nos grupos indígenas, reafirmando a contribuição desses povos na formação do espaço geográfico amazônico. Como sabemos a temática indígena em sala de aula é fundamental, principalmente para se reconhecer a importância dos povos indígenas como sujeitos constituintes na formação histórica do país, principalmente da Amazônia.

Por isso, a discussão sobre a presença do indígena nesta região é fundamental para se compreender como que essas sociedades contribuíram para

a organização do espaço geográfico na Amazônia. É importante destacar que os grupos indígenas não são mais sinônimos de isolamento, pelo contrário, hoje a maioria deles, mostra-se atuantes na sociedade, buscando a reafirmação de suas identidades.

O outro grupo essencial na formação do espaço amazônico, citado pelos alunos trata-se do ribeirinhos, no texto abaixo, verificamos essa referência:

Texto-10

Estudos Amazonicos

mediante o que você já estudou, corrente com suas palavras o que você aprendeu na disciplina de Estudos Amazônicos.

Entende-se que na disciplina de estudos Amazonicos eu aprendi, sobre os ribeirinhos que eles vivem a beira de rios, e igarapés, e se alimentavam de peixe, carangueiros, eles transportavam suas mercadorias extraído da Amazônia de barco por não tinha estradas depois eles fizeram as estradas que ligavam a Amazônia a outras cidades.

Eles fizeram as estradas e começaram a transportar as mercadorias, mais quando estava chovendo os carros não subiam as ladeiras ficavam atoladas e depois de muito tempo eles começaram a asfaltar as rodovias e uma dessas estradas era Transamazônica...ela e uma estrada de chão e de asfalto. as estradas tornaram as rotas de mercadorias e de pessoas. As pessoas podiam transportar mercadorias e também os animais que eles criam.

(Reprodução do depoimento da aluna, transcrito abaixo)

Entende-se que na disciplina de estudos amazônicos eu aprendi, sobre os ribeirinhos que **eles viviam a beira de rios**, e igarapés, e se alimentavam de peixe, carangueiros, eles transportavam suas mercadorias extraído da Amazônia de barco por não tinha estradas depois eles **fizeram a estradas que ligavam a Amazônia a outras cidades**. Eles fizeram as estradas, e começaram a transportar as mercadorias, mais quando estavam chovendo os carros não subiam as ladeiras ficavam atoladas e depois de muito tempo eles começavam a asfaltar as rodovias e uma dessas estradas era transamazônica ela e uma

estrada de chão e de asfalto. As estradas tornaram as rotas de mercadorias e de pessoas. As pessoas podem transportar mercadorias e também os animais que eles criam.

No texto acima, tem-se o reconhecimento do ribeirinhos e sua importância para o desenvolvimento do espaço amazônico, principalmente como o trabalho com a agricultura, pesca e povoamento da floresta com a abertura de estradas, dentre outros elementos. Contudo, a estudante refere-se a esses povos como se eles não fizessem mais parte da realidade da Amazônia “eles viviam a beira do rios”.

É evidente que a aluna argumenta, supostamente, baseada em textos que leu ou discursos que ouviu em sala de aula ou outros meios, contudo, é necessário que o professor diante dessa situação, discorra sobre essa temática de forma mais ampla, revelando para os alunos que na Amazônia os ribeirinhos, indígenas tantas outros grupos fazem parte da sociedade amazônica e muitas vezes enfrentam os mesmos problemas citados nos relatos de outrora. Se observarmos em quase todos os textos analisados, marcas de distanciamento do espaço amazônico sempre aparecem “fizeram as estradas que ligavam a Amazônia a outras cidades”.

Por isso, o ensino aprendizagem da disciplina de Estudos Amazônicos deve contemplar discussões que sejam favoráveis a um pensamento crítico da/sobre a região, sem distanciamentos, olhares exóticos, estereótipos e fechamento. O aluno que estuda e vive esse espaço precisa interagir com esses saberes geográficos e históricos da/sobre região relacionando-os com sua realidade. Por isso, a abordagem geográfica dessa disciplina é fundamental para uma compreensão mais ampla e significativa desse imenso espaço que é a Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos debates e reflexões que realizamos, destacamos que o ensino da disciplina Estudos Amazônicos a partir de uma abordagem geográfica torna-se uma prática fundamental para compreensão do espaço amazônico, pois possibilita entender essa região distanciada de concepções essencialistas, prontas e acabadas, repassadas como se a Amazônia fosse algo estável, regular e acabada, mas é preciso que o estudo dessa região propague um espaço de diálogo, comunicação, troca, contato, transformações e interações sociais. O aluno precisa criar um pensamento de autoafirmação de sujeito que vive na Amazônia, criando espaços de interação e respeito às diferenças culturais.

A pesquisa sugere ainda, a inserção de reflexões a importância dos conhecimentos geográficos como requisito para compreensão do espaço amazônico, desenvolvido de forma comunicativa e crítica. Entretanto, este trabalho, não tem a pretensão de colocar essa metodologia como ideias para o sucesso de aprendizagem no ensino dos estudos amazônicos, mas como uma forma de mostrar que um trabalho interdisciplinar dessas disciplinas podem contribuir positivamente com a compreensão desta rica região, mostrando sua influência na formação de sujeitos interligados com o mundo, sem negar, obviamente, históricos, sociais e culturais que são comuns na/da Amazônia. É fundamental que o professor desenvolva aulas que fujam de uma perspectiva tradicional, sendo necessário espaços para discussões amplas e relacionadas com a realidade do educando.

Nosso maior objetivo aqui foi perceber o real aprendizado dos (as) discentes pesquisados, no que tange ao componente curricular intitulado *Estudos Amazônicos*. Ademais, no que diz respeito à Ciência Geográfica e à espacialidade, nosso maior objeto de estudo, podemos constatar noções precisas desses saberes nos (as) alunos (as). É dever do (a) docente perceber a aquisição de conhecimento dos (as) alunos (as), sempre se sensibilizando com suas limitações, quanto ao nível de aprendizagem, comunicação e escrita em relação ao desenvolvimento cognitivo de cada um.

Embora os problemas existam em relação à crise da educação pública em geral, e na deficiência e defasagem na formação dos (as) professores (as) da rede

pública do município de Marabá em particular, permanece sendo benéfica e bem-vinda a iniciativa desta secretaria municipal de educação em permitir e disponibilizar um professor para ministrar a disciplina Estudos Amazônicos, pois constitui-se em mais um espaço para o (a) professor (a) discutir em sala de aula, temas espaciais, além das aulas de Geografia.

Acreditamos que este trabalho atrela-se a propostas curriculares do Ensino Fundamental de Estudos amazônicos por ressaltar o processo de ensino-aprendizagem da/sobre o espaço amazônico como uma forma de contribuir para a construção da cidadania e favorecer a participação social, permitindo que professores e alunos ampliem a compreensão do mundo em que vivem, da existência do outro e dos valores de outras comunidades, de outras culturas e de outras identidades.

Compreendemos que a escola precisa ser plural e heterogênea para abarcar as diversidades regionais e espaciais. Quando falamos em escola plural, queremos chamar a atenção para os desafios contemporâneos de convivência com a diferença, uma vez que a Amazônia é uma região em constante transformação e constituída a partir de suas diferenças. Os resultados mostrados nos textos dos alunos revelam que a abordagem geográfica constitui um elemento importante na aprendizagem do educando. Contudo, é importante que essas discussões sejam melhores direcionadas para que o aluno percebam outras formas de compreensão da região.

Os resultados também revelaram que os alunos apresentam bastante conhecimento sobre o processo econômico e migratório da região, ressaltando questões importantes como o desmatamento, poluição, cultivo da terra, dentre outras. Entretanto, foi perceptível algumas limitações quanto a definição do espaço geográfico amazônico. Muitos alunos ainda veem essa região desassociado ao espaço que vivem. É notório na leitura de alguns textos dos alunos a presença de discursos discriminatório sobre a Amazônia, descrevendo uma região fechada e estereotipada com a presença apenas de animais, árvores e comunidades “tradicionais”, como indígenas e ribeirinhos. É fato que essa descrição faz parte da formação territorial desse espaço, porém, é necessário que os alunos se reconheça como sujeitos amazônicos que são, mesmo não sendo índios, ribeirinhos etc. o

trabalho docente é fundamental para a compreensão do aluno e a afirmação de suas identidades amazônicas.

Por isso, os conhecimentos geográficos são imprescindíveis para a compreensão da região amazônica. Porque estudar sobre e na Amazônia é acima de tudo, descobrir identidades e culturas que fazem parte de todos que vivem nessa imensa região. Esperamos que este estudo, através do pressuposto teórico e da análise apresentada, instigue novas pesquisas na área ou outras áreas afins, servindo como referência e reflexão sobre os assuntos discutidos, pois acreditamos que o debate crítico sobre a Amazônia é essencial na formação do educando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Bertha K. **Amazônia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **Geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação. Lei Nº 9.394, de 20/12/1996.

CORRÊA. L. R. **Espaço: um conceito-chave da geografia**. In. Geografia: conceitos e temas. Org. por Castro. E. I et, 11ª ed. Rio de Janeiro, 2008.

_____. L. R. **trajetórias geográficas**, 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.

FERNANDES. A. C. **Educação do campo em foco: um estudo de práticas e concepções**. São Paulo: contexto, 2006.

GONÇALVEZ, C. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed.-São Paulo: Atlas, 2007.

MONTEIRO. A. [ET. AL] O espaço amazônico: sociedade & meio ambiente. Belém, UFPA/NPI, 1997.

PINHEIRO. C. J. **As relações de ensino na Educação do Campo: desmistificando olhares.** Pará, UFPA, 2014.

PIZZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio, imaginário e modernização.** Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais e Ética.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARABÁ. **Proposta Curricular: Os múltiplos olhares sobre os caminhos da aprendizagem.** Marabá/PA: Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Diretoria de Ensino. Ensino Fundamental, 2006.

_____. **Resolução Número 006 de 26 de fevereiro de 2002.** Marabá/PA: Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Conselho Municipal de Educação.

_____. **Resolução Número 01 de 20 de fevereiro de 2003.** Marabá/PA: Secretaria Municipal de Educação – SEMED. Conselho Municipal de Educação.

RODRIGUES, A. J. **Pesquisa científica.** In: Rodrigues, A.J. **Metodologia científica: completo e essencial para a vida.** São Paulo: Avercamp, 2006, p.88-91.

TRINDADE JR. Saint-Clair Cordeiro da. **Pensando a concepção de Amazônia.**
In. Silva, José Borzacchiolo da. Lima, Luiz Cruz; Elias, Denise. Org. Panorama da
geografia Brasileira 1. São Paulo: Annablume, 2006.